

AMORES LÍCITOS E ILÍCITOS NA MODERNIDADE PAULISTANA OU NO BORDEL DE MADAME POMMÉRY

Margareth Rago¹

Resumo

A prostituição de luxo contribuiu para as mudanças nos costumes e nos códigos morais da sociedade paulistana em seu acelerado processo de modernização nas primeiras décadas do século XX. No entanto, o discurso médico e científico da época compreendia a prostituição como um problema social a ser sanado em termos eugênicos.

Palavras-Chave

Prostituição – São Paulo - Modernização – Eugenia

Abstract

High standard prostitution contributed with the deep changes in São Paulo's habits and moral codes during its modernization in the first decades of twentieth century. Despite that, the medical and scientific discourses of that time presented prostitution as a social problem to be solved through eugenics public policies.

Key-Words

São Paulo - Prostitution- Modernization – Eugenics

Introdução: a chegada de Mme. Pomméry

Ao chegar em São Paulo, por volta de 1912, vinda dos grandes centros europeus, Mme Pomméry se surpreende com o enorme provincianismo do mundo boêmio e da vida sexual da cidade, em contraste com o intenso e acelerado processo de modernização em curso.² Constata que muitas ruas estavam sendo pavimentadas e remodeladas, praças construídas, o Teatro Municipal aberto para o público culto, enquanto novos teatros, restaurantes e cafés-concertos

começavam a oferecer importantes serviços aos freqüentadores. Contudo, a *jeunesse dorée*³ continuava sem opções para a construção de suas referências sexuais. Como observa a personagem do romance de Hilário Tácito, publicado em 1920, a bebida ainda se restringia aos produtos domésticos, como a cerveja, enquanto que os prazeres refinados, regados a champagne eram totalmente desconhecidos. Portanto, conclui, a cidade necessitava de um bordel luxuoso, problema que ela mesma procurou solucionar, com a criação do *Paradis Retrouvé*.

Tendo a modernização de São Paulo como tema, o romance *Madame Pomméry*, do engenheiro José Maria de Toledo Malta, que assina com o pseudônimo de Hilário Tácito, fornece imagens da cidade ao mesmo tempo distantes e próximas daquelas produzidas pela historiografia. Distantes porque falam de um mundo que já não existe mais e de um tempo em que a prostituição desempenhava um importante papel na vida cultural e social da cidade, ao reunir profissionais liberais, intelectuais, artistas, trabalhadores e boêmios de várias classes sociais ao lado de cantoras, artistas, dançarinas ou meras prostitutas; um tempo em que a presença das cortesãs de luxo, em grande parte francesas ou polacas, permitia a associação desse universo com a entrada da nação na modernidade.

Próximas, porque essas imagens também nos fazem lembrar das mudanças arquitetônicas implementadas pelo Prefeito Antonio Prado, inspiradas pela *hausmanização* de Paris.⁴ Elas fornecem informações sobre o crescimento populacional da cidade, que de 69 934 habitantes, em 1890 passa a 239 820, em 1900 e a 579 033, em 1920, e evidenciam as profundas mudanças nas práticas e nos códigos morais de uma sociedade que, ansiosa por parecer moderna, copiava as últimas modas de consumo e lazer em voga no mundo civilizado, particularmente em Paris.⁵ Próximas, ainda, porque trabalham com uma ficção desenvolvida a partir do encontro muito plausível de uma cafetina estrangeira com um rico coronel, disposto a conhecer e experimentar as novidades eróticas e sexuais do mundo moderno.

Esse romance permite conhecer um pouco da nova sensibilidade que se forma com a modernização de São Paulo, que, entre 1890 e 1930, se torna o estado mais industrializado do Brasil. Nessas décadas, constitui-se o mercado de trabalho livre, forma-se o proletariado urbano, como resultado da massiva imigração européia e constrói-se um movimento operário combativo, liderado por grupos anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e, depois, comunistas. Em poucas

décadas, esse estado ultrapassa o Rio de Janeiro, antiga capital federal, em termos econômicos e em importância cultural.⁶

Poder médico e higienização social

O romance de Hilário Tácito é dedicado à Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918, que, dentre seus objetivos de *controle eugênico da espécie humana* e de aperfeiçoamento da raça, destinava-se a *estudar a regulamentação da prostituição*. De um lado, esta última informação alude à preocupação dos doutores com o estabelecimento de políticas públicas em relação à prostituição, considerada um *mal necessário*, desde Santo Agostinho; de outro, lembra os médicos caricaturados no romance como frequentadores assíduos dos bordéis, onde se divertiam em companhia de lindas *cocottes*.⁷

É quase certo que muitos doutores desfrutavam da luxuriosa prostituição existente na cidade, como acontecia com o Dr. Mangancha ou o Dr. Narciso de Seixas Vidigal, personagens bufões do romance, que ironicamente usavam seus conhecimentos científicos para justificar o consumo do álcool. Contudo, fora deste universo, enunciavam discursos moralistas e conservadores sobre o mundo da prostituição, reforçando os *pânicos morais*⁸, para usar uma expressão relativamente recente, sobretudo num período em que seu poder sobre a sociedade crescia consideravelmente.⁹

Na verdade, considerando-se responsáveis pela orientação do Estado na condução da população e como substitutos da Igreja, graças à sua autoridade científica sobre os corpos e as doenças, os médicos ganhavam rápida aceitação nas instituições públicas, nas agências estatais e, de maneira geral, na vida política e social do país. Afinal, vindos das poderosas elites locais, compostas por ricos proprietários de terra e por poderosos homens de negócios, que eram freqüentemente educados na Europa, os médicos já participavam, de maneira direta ou indireta, das elites políticas que governavam o país.

O Dr. Luiz Pereira Barreto, por exemplo, primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (SMCSP), fundada em 1895, formou-se em Medicina na Universidade de Bruxelas, em 1864, onde conheceu o positivismo, que procurou divulgar no Brasil. Foi um distinto membro do Partido Republicano e representante na Constituinte Estadual de 1891, onde ocupa o cargo de presidente.¹⁰ O segundo presidente da Sociedade, Dr. Carlos Botelho, formado pela

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era filho do Conde de Pinhal, proprietário de extensas plantações de café e das estradas de ferro que ligavam as cidades de Rio Claro e São Carlos. Foi um dos fundadores da Policlínica — posto médico sustentado pela SMCSF, visando prover assistência aos pobres da capital -, e durante o mandato de Jorge Tibiriçá como Presidente da República (1904-1907), foi Secretário da Agricultura. O terceiro presidente da SMCSF, Dr. Augusto César de Miranda Azevedo, era membro fundador do Partido Republicano paulista e deputado da Assembléia Constituinte de 1891. Outros presidentes, como Arnaldo Vieira de Carvalho, Diogo de Faria e Rubião Meira, também pertenciam à elite paulista.

Portanto, os interesses comuns das elites médica e política de São Paulo contribuíram para aumentar o poder do Estado sobre a vida pública e privada da população. Muitos doutores tinham gradualmente começado a ocupar postos públicos e políticos, aumentando cada vez mais o poder de sua categoria profissional; ao mesmo tempo, substituíam o poder dos padres na condução da vida privada, aconselhando tanto as famílias ricas, quanto as pobres.

Os médicos passaram progressivamente a definir os modernos códigos da conduta sexual a serem adotados por mulheres e homens, jovens, adultos, velhos ou crianças, ricos e pobres, numa escala nacional. Nesse sentido, procuraram abolir as velhas tradições e concepções que informavam os padrões morais e sexuais de comportamento da população, classificando-as como ignorantes, primitivas e irracionais. O Dr. Moncorvo Filho, por exemplo, que estava à cargo do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fora responsável pela criação do Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro, em 1901, e, em seguida, pelas muitas filiais estabelecidas em todo o país: em Minas Gerais (1904), Pernambuco (1906), Maranhão (1911), Paraná e Rio Grande do Sul. Em 1922, o Instituto promoveu o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, apoiado, entre outros, pelo discípulo do dr. Moncorvo em São Paulo, Dr. Clemente Ferreira. As equipes médicas comandadas por ele, através do país, engajaram-se em trabalhos de consulta e aconselhamento das mães pobres dos bairros periféricos das cidades, assim como em seminários de difusão e até na produção de filmes exibidos em Buenos Aires.¹¹ Este exemplo evidencia o quanto a categoria médica se articulava por todo o país, implementando seu projeto de intervenção social que, se não totalmente realizado, obteve, pelo menos, resultados bastantes evidentes.

No Rio de Janeiro, muitos estudos sugerem que, desde os anos 1830, com a criação da Academia Imperial de Medicina e da Faculdade de Medicina, os doutores tinham começado a se organizar corporativamente e iniciaram uma produção científica voltada para diagnosticar os problemas que afligiam a cidade, vista fundamentalmente como espaço da doença.¹² Instituído-se como as autoridades mais competentes para sanear o espaço urbano e cuidar de seus habitantes, construíram paulatinamente um extenso projeto de higienização social e, para sua implementação, contaram com o apoio do Estado, em sua luta para restringir os enormes poderes dos grandes proprietários de terra, fortemente enraizados no mundo privado. No contexto de desodorização da cidade, doença e controle epidêmico, eliminação de pântanos, água e sistemas de canalização, controle da mortalidade infantil, sexualidades legítimas e ilegítimas, como prostituição, homossexualidade, masturbação e outras *perversões sexuais*¹³ foram consideradas temas de domínio exclusivamente médico.

Em São Paulo, os médicos e os policiais tinham começado a perceber as *sexualidades perigosas* como uma grande ameaça, desde o final do século 19, com a chegada dos enormes contingentes de imigrantes europeus, no porto de Santos. Dentre estes, desembarcavam *indesejáveis* de todos os tipos, como notificavam os inspetores de polícia: anarquistas italianos, portugueses e espanhóis; prostitutas e cafetinas francesas e portuguesas; cáftens eslavos acompanhados de *polacas* voluntárias ou forçadas, as chamadas *escravas brancas*, destinadas a suprir o próspero mercado da prostituição nos trópicos.¹⁴ Os esforços para prevenir o desembarque dessas figuras ameaçadoras levaram muitas autoridades a propor soluções radicais, apoiadas pelos jornais que promoviam campanhas morais contra a corrupção. Segundo o jornal *O Tempo*, de 13 de fevereiro de 1903,

Tendo a polícia de Santos resolvido dar caça aos proxenetes que a enchiam, estes estão fugindo para esta capital onde continuarão com a sua desmoralizadora e ignóbil indústria, digna de uma enérgica repressão da polícia.

Assim, começando em 1907, a penalização dos cáftens estrangeiros passou a incluir, no Código Penal de 1890, a deportação, procedimento que, no entanto, já vinha sendo posto em prática. Daí em diante, várias medidas de controle sanitário começaram a ser

implementados pelas autoridades públicas e foram progressivamente centralizadas no Serviço Sanitário de São Paulo, criado em 1894. No ano seguinte, alguns médicos fundaram a Sociedade de Medicina e Cirurgia, destinada a atuar como conselheira dos poderes públicos na formulação de políticas de controle sanitário. Em 1913, a Faculdade de Medicina de São Paulo era fundada como um lugar onde os médicos encontrariam um espaço institucional mais amplo para discutir suas estratégias de intervenção urbana e para exercer seus poderes nas esferas pública e privada, de modo mais organizado. Em 1918, criava-se a já mencionada Sociedade Eugênica para melhorar e purificar a raça.

O desconforto das autoridades públicas e dos doutores

Participando ou não dos bordéis afrancesados, espalhados pela cidade, como o *Palais de Cristal*, o *Hotel dos Estrangeiros*, o *Maxim's*, é visível o desconforto sentido pelos homens cultos em relação a um universo que era tanto desconhecido quanto atraente. Pois, se de um lado a prostituição era considerada um *cancro social*, de outro, ninguém duvidava de sua necessidade, especialmente num momento histórico em que se acreditava firmemente na noção de que a sexualidade masculina era mais premente do que a feminina e de que necessitava de um espaço geográfico para sua liberação.

Portanto, tanto oficiais policiais, envolvidos como o controle social e a moralização das condutas, quanto médicos sanitaristas procuraram advertir contra os males do mundo da prostituição. Eles dissecaram o corpo das prostitutas com suas investigações empíricas, ao produzirem teses científicas, nas quais codificaram as condutas das mulheres de acordo com as classificações tipológicas copiadas dos médicos europeus, como o francês Alexandre Parent-Duchâtelet e o fundador da Antropologia Criminal, o italiano Cesare Lombroso. Suas teorias pseudo-científicas passaram a servir de base para as práticas policiais de vigilância sexual, que, na maioria das vezes, visavam exclusivamente as prostitutas pobres.

O impacto da modernização da cidade, o crescimento econômico e social acelerado, a expansão demográfica eram dramatizados nos discursos preocupados dos policiais e das autoridades públicas: prostituição, lenocínio, vagabundagem, uso de drogas, furtos ou abandono de crianças, aumento nas taxas de criminalidade estavam entre

suas principais questões, ao lado da invasão dos imigrantes e das crescentes agitações sociais que promoviam.

Já em 1879, o chefe de polícia Pádua Fleury insistia na necessidade da criação de um regulamento da polícia sanitária para controlar a prostituição, para atender às demandas da opinião pública e transformar o lenocínio em crime, pois, nessa época, a atividade não estava incluída no Código Penal, que era de 1830. Segundo ele:

Urge pôr um paradeiro aos desmandos dos infelizes especuladores que afrontam a nossa civilização com a exposição de finelizes mulheres nas ruas públicas.¹⁵

Assim como os cáftens, as prostitutas *escandalosas* eram alvos da ação policial por seu ataque contra a moralidade pública. Em 1896, o delegado de polícia Bento Pereira Bueno, defendendo a atribuição de um poder legal maior às autoridades policiais, posicionava-se favoravelmente a uma ação policial mais globalizante em relação à visibilidade das prostitutas, em vez da adoção de medidas repressivas esporádicas:

Essas casas, em geral denominadas hotéis, clubs e “maisons meublées”, tendem naturalmente para as ruas e praças mais centrais da cidade com prejuízo da ordem e do decoro público; e a Polícia para mantê-las em respeito, só tem expedientes de ocasião, que além de passageiros em seus efeitos, expõem a autoridade a desautorizações irrefletidas como a que ocorreu em setembro com o Dr. Galeno Martins de Almeida, 3º Delegado.¹⁶

No mesmo ano, por iniciativa do delegado de polícia Cândido Motta, decretou-se o *Primeiro Regulamento Provisional da Polícia de Costumes*, destinado ao controle direto da vida sexual nos distritos centrais da cidade, onde, em sua opinião, a existência da prostituição feria a sensibilidade dos transeuntes e dos habitantes. Distribuído a 220 prostitutas que viviam na zona de baixo meretrício — no antigo Beco dos Mosquitos, nas ruas Líbero Badaró, Benjamin Constant, Senador Feijó, do Teatro, do Quartel, Esperança -, o regulamento estabelecia:

a) que não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular, em número nunca excedente a três;

- b) as janelas de suas casas deverão ser guarnecidas, por dentro, de cortinas duplas e, por fora, de persianas;
- c) não é permitido chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversação com os mesmos;
- d) das 6hs da tarde às 6 hs da manhã nos meses de Abril e Setembro, inclusive, e das 7hs da tarde às 7hs da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas;
- e) deverão guardar toda decência no trajar uma vez que se apresentem às janelas ou saiam à rua, para o que deverão usar de vestuários que resguardem completamente o corpo e o busto;
- f) nos teatros e divertimentos públicos que freqüentarem deverão guardar todo o recato, não lhes sendo permitido entabular conversação com homens nos corredores ou nos lugares que possam ser observados pelo público.

O escritor modernista Oswald de Andrade, frequentador regular do mundo boêmio, parecia menos preocupado com a presença das *mulheres alegres*. Segundo ele,

Ao descer a Rua Líbero Badaró na direção de casa, após as aulas, eu fazia parada habitual na venda do pai de Ponzini. Era um ambiente popular e curioso(...). é sabido que antes do alargamento da Líbero Badaró (...) era ela uma augusta passagem do centro de São Paulo que levava do fim da Rua José Bonifácio ao Largo de São Bento. Nessa viela central, concentrava-se o mulhério da vida que permanecia, da tarde à noite, seminu e apelativo nas janelas e nas portas abertas a qualquer um. Na venda do Ponzini, travei relações com mais de uma prostituta, sobretudo uma caftina gorda e maternal chamada Olga, que se sentava comigo em torno de uma mesa.¹⁷

Partilhando a mesma opinião que negava ao Estado o direito de invadir assuntos privados, como a vida sexual, outros escritores, advogados e jornalistas abolicionistas atacavam diretamente a imposição do regulamento, criticando-o nos jornais e revistas da época. Apesar desta reação, e embora a zona da prostituição não fosse confinada a um bairro específico, como defendia o regulamento, o registro de prostitutas na Polícia de Costumes se tornou uma prática comum, especialmente depois de 1915. Além disso, a Polícia civil foi, mais tarde, autorizada a manter vigilância sobre a conduta das prostitutas *de modo a que o silêncio e a paz da vizinhança não fossem perturbados*.¹⁸

A geografia do prazer

A prostituição se concentrava nas áreas comerciais e centrais da cidade próxima aos bares, *cafés concerts*, teatros, cinemas e cabarés. Estes espaços atraíam a burguesia rica, os políticos, fazendeiros, advogados, estudantes, trabalhadores e vários tipos de marginais. Lá podiam encontrar as novas figuras da prostituição, em especial as *francesas* e *polacas*, reais ou imaginárias, que, especialmente nas fantasias masculinas, apareciam como introdutoras dos hábitos de civilidade trazidos do mundo europeu, assim como de muitos refinamentos nas artes eróticas.

Inicialmente concentradas nas ruas listadas pelo *Primeiro Regulamento* do delegado Cândido Motta, a prostituição espalhava-se pelas novas áreas comerciais, à medida em que a cidade se remodelava e adquiria uma feição modernizante. Por volta de 1913, a atividade da prostituição no antigo centro comercial estava chegando ao fim, como informa o memorialista Paulo Duarte, e começava a se expandir pelas ruas Ipiranga, Timbira e Amador Bueno, enquanto que a baixa prostituição se concentrava nas ruas Senador Feijó, Riachuelo, até o Piques, ponto de encontro das prostitutas negras. Mas era especialmente no bairro do Brás, que a *escória* das meretrizes negras se reunia, como definiam os memorialistas misóginos do período.

Embora a expansão capitalista tivesse diretamente alterado a localização dos espaços marginais, empurrando-os para a periferia da cidade, não havia um planejamento regular, como o que foi implementado por volta de 1940, com o confinamento da prostituição, durante a administração do interventor Ademar de Barros. Nessa ocasião, os amores ilícitos foram confinados ao bairro do Bom Retiro, perto das estações de ferro Sorocabana e Santos-Jundiaí.

Evidentemente, muitas prostitutas de luxo eram bem mais favorecidas, como as cortesãs que Jorge Americano encontrou na cidade por volta de 1908.¹⁹ Muitas se tornaram *rabos de saia*, isto é, amantes exclusivas de ricos coronéis — como eram conhecidos os fazendeiros ignorantes e pouco civilizados, que procuravam diversificar sua participação social no mundo urbano. Muitos deles instalavam sua prostituta favorita em apartamentos localizados nos bairros residenciais da elite, como Higienópolis, ou nas mansões sofisticadas da Avenida Paulista.

Tal era, por exemplo, a de nome Margarida, para quem um distinto cavalheiro construíra palacete na Rua Dona Viridiana, e para celebrá-lo o nome, fizera esculpir como ornato das janelas, margaridas em argamassa.²⁰

Outros financiavam a construção de luxuosos bordéis, como o Coronel Gouveia, que, na ficção de Hilário Tácito, é responsável pela criação do *Paradis Retrouvé*, ao lado de Mme Pomméry. Nenhum deles, contudo, dispensava a companhia das jovens prostitutas, preferencialmente estrangeiras, conhecidas como *cocottes*, com quem gostavam de circular pelo bar do Teatro Municipal, construído em 1911, ou pelas elegantes confeitarias e restaurantes do centro comercial, numa clara demonstração de virilidade e poder.

Menos privilegiadas eram as mulheres que viviam em casas privadas, seja alugadas ou próprias, onde recebiam seus clientes e amigos, sem a promessa de fidelidade conjugal implícitas naquela outra relação. Contudo, tinham a vantagem de se verem livres dos laços de dependência em relação a uma cafetina, laços que eram comuns para as prostitutas que viviam nas famosas *casas alegres*, ou nas *casas de tolerância*. Essa era a situação, por exemplo, de

uma certa senhora Glória, que ali por 1910 guiava uma “baratinha”. Anos depois, fez leição da casa, na Avenida Angélica, e as famílias, discretamente, e como a fazer coisa malsã, foram ver a exposição prévia dos objetos, na curiosidade de sentir o cheiro do pecado.²¹

Muitas dessas meretrizes eram também artistas, dançarinas de *ballet* ou cantoras, ligadas a grupos musicais que trabalhavam nos *cafés concerts*, *cabarets* e *pensões alegres*, onde intelectuais, coronéis, artistas, advogados, jornalistas e outros boêmios se encontravam. Esses clubes noturnos adotavam nomes parisienses, apresentando-se como filiais dos grandes estabelecimentos eróticos de Paris: o *Palais Elegant*, de propriedade das irmãs Colibri; a *Pension Royale*, o *Palais de Cristal*, de Mme Sanchez, retratado por Hilário Tácito como o *Paradis Retrouvé*, o *Hotel Paris*; ou o *Maxim's*, bordel de Salvadora Guerreiro, traduzido em romance por Armando Caiuby in *O Mistério do Cabaré*.²²

Um dos mais famosos e elegantes estabelecimentos noturnos de São Paulo era o *Hotel dos Estrangeiros*, que, na ficção, recebe Mme Pomméry em sua chegada ao Brasil. Tendo a sociedade *chic* de São Paulo

como *habituée*, foi celebrado, ainda, num poema de Moacyr de Toledo Pisa, intitulado “Tradições”, escrito em 1923, um pouco antes do sério incidente que marcou profundamente a vida da cidade: o assassinato de sua amante, a prostituta Nenê Romano, seguido imediatamente por seu suicídio.

O poder da prostituta

O incidente, lamentado por muitos amigos do jovem poeta e advogado aconteceu numa tarde de 25 de outubro de 1923, quando, de dentro de um táxi que circulava pela aristocrática Avenida Angélica, ouviu-se o barulho dos tiros dados por ele contra a bela prostituta de 23 anos, e depois contra ele mesmo.

Na realidade, a estória atinge dimensões de um escândalo muito maior devido ao fato de envolver o suicídio de um jovem bem dotado da elite paulistana, muito mais do que pelo assassinato de uma imigrante italiana pobre. Já fazia tempo que os médicos e as autoridades policiais apontavam a presença das prostitutas estrangeiras, supostamente mais experientes e malévolas, como um perigo moral para a juventude nativa. Segundo os doutores, elas eram responsáveis pela dissolução moral crescente, pela feminização e enfraquecimento da raça e pela perda das antigas referências morais. O dr. Orlando Vairo, em seus estudos sobre *Os Vícios Elegantes Particularmente em São Paulo*, publicados em 1926, advertia contra o crescimento do consumo de drogas entre a *jeunesse dorée*, frequentadores regulares das *pensionnières* e dos cabarets, onde prostitutas devassas os introduziam no mundo dos vícios.²³

Nem mesmo Nenê Romano foi poupada de violentos adjetivos pelos que atribuíam o crime de Pisa à sua capacidade de destruição moral e à sua fingida fragilidade. A imagem sedutora da *femme fatale* era frequentemente invocada para designar as belas, porém, perversas prostitutas que eram responsabilizadas pela loucura que despertavam nos homens. Assim, os jornais da cidade reportavam o incidente como falta indubitavelmente devida à insaciável cortesã:

Matou-se Moacyr Pisa, o brilhante, o audaz, o valoroso escritor que todo São Paulo admirava. Matou-se depois de ter matado Nenê Romano, a mulher fatal, que tinha **um rosto de anjo e uma alma perversa**²⁴

Lembrando o episódio muitas décadas depois, um jornalista reforçava a imagem da mulher super-sexualizada e poderosa, a quem atribuía terríveis poderes sexuais. Em 26 de agosto de 1979, o jornal *Folha de S. Paulo* publicava um artigo, assinado por Paulo José da Costa Jr., no qual declarava:

Era, prá dizer o mínimo, uma mulher fatal, (...) de olhos a um tempo dóceis e temíveis, melancólicos e profundos. Essa a sua maior beleza. Chamavam-na nas rodas boêmias de então, “a mulher do pescoço de cisne”. Tinha graça espontânea e natural. Na voz, no andar, na coqueteria dos gestos. Enfim, uma Margarida Gauthier ítalo-paulistana, que endoideceu muitos homens e que foi a preferida do Senador Rodrigues Alves.

De um lado, uma vítima da desgraça; de outro, poderosa devoradora de corações, a prostituta era descrita segundo parâmetros colhidos no imaginário artístico e romântico do *fin-de-siècle*, num período em que, ao lado da garota inocente, pobre e irracional, tornaram-se populares as figuras da *mulher aranha* e de Salomé, responsáveis pela destruição do homem e de sua obra, a civilização.²⁵ Frágil ou poderosa, a prostituta era representada como uma figura da irracionalidade, um símbolo do predomínio dos instintos ferozes sobre a razão pacífica, portanto, como uma figura perniciososa e ameaçadora para o equilíbrio da sociedade.

Preocupados com a moralização das condutas sociais, com a preservação da família e do casamento, os médicos elegeram a prostituição como um fantasma que ameaçava desestabilizar as instituições e os valores sociais. A crescente atenção que passaram a dedicar aos amores ilícitos, desde meados do século 19, assim como sua preocupação com a necessidade de definir rigorosamente as fronteiras entre as práticas sexuais permitidas e as proibidas, entre as figuras da *mulher honesta* e da *degenerada-nata*, segundo a terminologia lombrosiana, atestam menos um interesse em promover melhores condições de vida para as meretrizes exploradas, do que uma preocupação obsessiva com a definição dos códigos modernos da sexualidade.

É pois, nesse sentido, que se pode dizer que o interesse dos médicos no mundo da prostituição reforçou a construção de um fantasma, capaz de se opor à entrada da mulher no espaço urbano ou de organizar o modo no qual essa entrada poderia dar-se. Vale lembrar que até os anos 1970, no Brasil, a figura da *mulher pública* era associada à

prostituta e não à mulher politicamente ativa, como hoje conhecemos. E, desde o começo do feminismo no país, uma das principais preocupações das feministas liberais e libertárias era evitar eventuais confusões que poderiam ser estabelecidas entre a luta pela emancipação feminina e a liberdade sexual das *mulheres alegres*.²⁶

Portanto, a construção médica da identidade da prostituta contribuiu para a internalização do modelo ideal da boa-esposa-mãe-de-família. Fumar ou assobiar em público, vestir roupas muito coloridas ou decotadas, ir a bares e restaurantes sem uma companhia masculina, ou participar dos movimentos sociais eram vistos como atitudes reprováveis, já que sinalizavam condutas desviantes para as *mulheres honestas*, termo que se perpetuou no Código Penal até 1988.

O complicado sexo dos doutores

Essas imagens poderosas da sexualidade insubmissa informaram o exercício da violência, tanto pelo sistema jurídico, quanto pelo aparato policial, na rotina das prostitutas. Guiadas pelas propostas e tratados médicos elaborados de modo a reprimir os amores ilícitos e orientadas pelo regulamentarismo, ou pelo abolicionismo, as autoridades públicas julgavam que a prostituta levava a uma degenerescência da espécie e que deveria ser tratada de modo o mais violento possível, como uma pária, já que era irremediável para o contrato social.

Na verdade, a influência do poder médico ultrapassou de longe o domínio das políticas públicas, já que construiu a própria representação da prostituição como uma doença associada ao risco da morte. Em sua posição de donos dos discursos científicos, os doutores apresentaram sua definição pessoal, altamente moralista, como sendo a verdade sobre o sexo. Mesmo os abolicionistas, que questionavam o sistema regulamentarista de controle da prostituição, sobretudo desde 1870, no Rio de Janeiro, Bahia, e posteriormente em São Paulo, argumentando que não deveria haver interferência do Estado numa esfera da vida altamente privada,— conservaram as noções preconceituosas estabelecidas sobre o corpo da prostituta e a sexualidade feminina.

Estas teorias científicas, tributárias do pensamento médico europeu do século 19, justificaram o mito da inferioridade física e mental das mulheres em relação aos homens, e da prostituta — a quem frequentemente se referiam através da metáfora do *micróbio* — em relação à *mulher normal*. Baseados nas doutrinas de Auguste Comte, Herbert

Spencer, Krafft-Ebing e Cesare Lombroso, que foram amplamente disseminadas por seus discípulos brasileiros — positivistas, como Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, médicos como Tito Lívio de Castro e o jurista Viveiros de Castro, ou como o Dr. Pereira Barreto —, acreditavam que as mulheres eram possuídas pelas paixões mais facilmente do que os homens e que eram destinadas exclusivamente à maternidade e à esfera da vida privada.

Portanto, as minorias cultas trataram o tema da prostituição não como um fenômeno social, estritamente falando, destinado a satisfazer os desejos e as fantasias dos homens, mas como uma problema da identidade perversa da prostituta, para cuja definição recorreram às construções conceituais da teoria eugênica da degenerescência racial, formulada ao longo do século 19. Mesmo quando procuravam enfatizar os aspectos externos que favoreciam a existência da prostituição, como a miséria, uma forte ênfase recaía na figura da prostituta, vista como anormal desde suas conformações orgânicas consideradas patológicas.

A prostituta, degenerada-nata

Examinemos, portanto, os argumentos científicos destinados a explicar o fenômeno da prostituição, muitos dos quais produzidos e reproduzidos pelo saber médico, entre meados do século 19 e do século 20. Com muito poucas diferenças, os argumentos teóricos e as formas interpretativas criadas nos países europeus — especialmente por autoridades, como o já citado médico francês Alexandre Parent-Duchâtelet, ou o psiquiatra vienense Richard Von Krafft-Ebing e, mais por volta do final do século, o criminologista italiano Cesare Lombroso — eram repetidos e se tornaram amplamente difundidos, no Brasil, nas discussões sobre as *perversões sexuais*, que incluíam a prostituição, o onanismo e a homossexualidade masculina e feminina. No caso específico de São Paulo, os médicos ligados à Faculdade de Medicina, podiam encontrar um corpus documental sobre a prostituição já composto pelos trabalhos dos doutores da Academia Imperial do Rio de Janeiro, criada anteriormente.

Em geral, o argumento inicial afirmava que a prostituição resultava de um problema econômico: as mulheres vendiam sexualmente seus corpos, porque eram pobres e não tinham capacidade para se sustentarem com rendas próprias, a partir de outros ofícios. O próximo passo nesse processo de argumentação, entretando, invertia a vitimização

romântica de modo a enfatizar a personalidade vulnerável e frágil da prostituta: amantes luxuriosas, resistentes ao trabalho, preguiçosas, sem educação moral, dotadas de uma natureza erótica muito forte, as prostitutas eram descritas como mulheres

Variáveis de opiniões, incapazes de seguir um assunto até o fim, levianas, exaltadas, irritáveis, e muitas vezes insolentes, as prostitutas entregam-se a calaçaria (sic), ao sono e a conversações fúteis ou de um alcance limitado unicamente às virtudes, vícios ou defeitos das colegas e de seus amantes ou frequentadores; outras vezes, fumam, jogam, brincam, berram, cantam, dançam e concluem paramentando-se.²⁷

Em 1872, o Dr. Ferraz de Macedo criava seu *mapa classificatório* das prostitutas do Rio de Janeiro, no qual reproduzia muitas das classificações taxionômicas inventadas pelo Dr. Parent-Duchâtelet, ao refletir sobre o mesmo fenômeno, em Paris, décadas antes:

		1° gênero das "prostitutas trabalhadoras"	Floristas modistas costureiras vewndedoras de charutos figurantes de teatro comparsas, etc.
	1ª classe das díficeis		
		2° gênero das prostitutas "ociosas"	Isoladas em casas aristocráticas Reunidas em hotéis aristocráticos
Prostituição Pública	2ª classe das fáceis	Prostitutas	de colégios de sobrados de estalagens, bordéis, etc
	3ª classe das facílimas	Prostitutas	Inferiores reformadas ou gastas de zungus amancebadas

		Em boas condições	viúvas casadas divorciadas solteiras
	1ª classe	Mulheres	
		Em baixas condições	livres libertas escravas, etc.
Prostituição Clandestina		Práticas anti-físicas nas mulheres	Doutrinas lesbianas coito contra a natureza onanismo
	2ª classe	Sodomia ou prostituição masculina	Pederastas activos, passivos mixtos, onanism ²⁸

Daí em diante, ele definia a natureza de cada categoria de prostituta, embora mantendo as características gerais de todas elas. Assim, as prostitutas do primeiro gênero da primeira classe, isto é, as trabalhadoras, possuíam características comuns de estilo de roupas, casa, hábitos, horas de trânsito, *o modo de se renderem*, o modo de expressão (voz, estilo, vocabulário, gestos, etc.); as que pertenciam ao segundo gênero da primeira classe, isto é as prostitutas preguiçosas, viviam em casas aristocráticas isoladas, e possuíam *grande cópia de intimidades e relações escolhidas do sexo masculino. Bom número dessas meretrizes é fornecido pelos teatros (...)*. Por outro lado, as da terceira classe, do grupo das *facílimas* decoravam as paredes de suas casas *com pinturas e esculturas de muitos santos*, enquanto que as prostitutas reformadas viviam em casas *de mais grosseiro aspecto e mais despida de adorno (...)* *Geralmente as donas dessas casas são negras, pardas livres ou libertas, mas todas gastas na idade e no vício (...)*.

Para o pensamento médico do período, a prostituição resultava de uma deficiência patológica do organismo da mulher, de uma degenerescência na espécie feminina que poderia ser empiricamente comprovada ao longo da evolução da humanidade, ou pelas pesquisas realizadas pelos doutores. Segundo eles, a prostituta deveria ser

considerava uma *denejerada nata*, o correspondente feminino do tipo do *homem criminoso*, o definido por Lombroso. Suas principais características físicas poderiam ser facilmente percebidas: quadris mais largos do que os das mulheres normais, dedos mais curtos, testas menores, embora a menstruação e a capacidade de procriar fossem normais.

Mesmo no começo dos anos 1920, quando as teorias científicas do socialista italiano Cesare Lombroso começavam a ser desacreditadas no Brasil, a concepção médica da prostituição como *cancro moral* continuava predominante no imaginário social, definindo quase indistintamente formas de intervenção pública e policial.

Inseridos na tradição de pensamento herdada de Rousseau, para quem o mais alto nível de sociabilidade favorecido pelo crescimento urbano resultaria numa queda definitiva dos valores morais, os médicos advertiam contra a vulnerabilidade das mulheres diante das seduções materiais e psicológicas das grandes cidades, mais do que contra a luxúria masculina.²⁹ Novamente, as mulheres eram consideradas responsáveis pelo desenvolvimento de novas formas de consumo dos prazeres ilícitos, ao contrário dos homens que, no entanto, eram os que mais se beneficiavam com a diversificação de opções para os prazeres noturnos. Na realidade, a existência de um espaço geográfico para a liberação das fantasias sexuais masculinas só poderia ser socialmente sancionada com a aceitação da idéia de que a sexualidade masculina era muito mais pressionante do que a feminina, exigindo, portanto, um espaço especial para se manifestar livremente, sob pena de levar os homens à loucura.

Várias décadas depois, em São Paulo, outro médico repetia os argumentos rousseauístas usados para invocar os perigos da dissolução moral e da degenerescência racial. Segundo o Dr. Moraes Leme, médico ligado à Faculdade de Medicina de São Paulo:

Concordemos que nas cidades modernas tudo age no sentido de estimular o apetite sexual: o luxo, a libertinagem, a tendência que impele às diversões – ao teatro, à dança, ao bar, mas principalmente ao **cabaret**, que é uma associação desses três gêneros(...) A estas causas, temos recentemente que juntar a influência avassaladora do cinema (...), os livros e estampas pornográficas, que circulam secreta e ativamente entre os rapazes, principalmente entre os estudantes internos dos colégios.³⁰

Segundo o poder médico, ao observar cenas imorais mostradas no cinema, as *mulheres honestas*, sugestionáveis eram incitadas a imitar a protagonista que, abandonando a família, se lançava na vida fácil e conquistava *situações de luxuoso conforto*. Ao mesmo tempo, esses cientistas definiam a mulher normal como apresentando baixa capacidade sexual, já que o instinto materno predominava sobre o sexual. Segundo o Dr. Leme:

“Na mulher domina, sobre o instinto sexual, o instinto materno, ou melhor, o apetite sexual decorre do instinto materno, enquanto que no homem o instinto paterno tem parte muito pequena no coito, em que aquilo que ele procura é o prazer.”³¹

Nem sempre, contudo, os médicos negaram o desejo sexual das mulheres. Especialmente nos inícios dos anos vinte, alguns médicos progressistas adotaram os conceitos mais liberais de Havellock Ellis, para quem o desejo sexual feminino era tão intenso quanto o masculino. Segundo suas concepções:

"o papel da mulher no coito é em geral meramente passivo; sem deixar de ter o orgasmo venéreo, por vezes tão intenso quanto o do homem e por vezes superior ao deste (grifos meus), a mulher é na regra comum menos sensual; nela o instinto de geração está mais conservado que no homem, embora as restrições que a sociedade lhe impõe sejam muito mais severas que as que se impõem ao outro sexo."³²

Aliás, por esta mesma razão, os doutores deram destaque aos perigos virtuais representados pela maior visibilidade e modernização da vida do submundo, pelo qual mulheres emancipadas, esposas insatisfeitas e um grande número de moças pobres poderiam se sentir atraídas. Um casamento prazeroso era, nesse caso, uma importante saída.

O prazer sexual no matrimônio

Não devemos supor, portanto, que os doutores se preocupavam exclusivamente com as sexualidades perigosas, ansiosos por estabelecer rígidos padrões de conduta moral na sociedade. Envolvidos com a luta pela preservação das instituições que estavam sendo supostamente ameaçadas pelo crescimento da prostituição, da homossexualidade e do feminismo e pela liberalização dos costumes, os médicos estimularam o prazer sexual no casamento de modo a garantir sua indissolubilidade e

prevenir o adultério feminino, ou a prática da masturbação por ambos os sexos. Apesar da valorização do ideal da maternidade para as mulheres, mesmo os médicos mais conservadores estavam atentos às necessidades sexuais femininas e à importância da educação sexual dos e das jovens. Além disso, o crescente nacionalismo justificava uma preocupação eugênica forte com o fortalecimento da raça, a formação dos futuros cidadãos da pátria e a transmissão de valores morais, como pode ser percebido pelos discursos do Dr. Renato Kehl, psiquiatra e membro fundador do Instituto Brasileiro de Eugenia, nos anos 1920.

Nesse sentido, foram publicados vários manuais de *higiene do amor e das paixões*, entre 1880 e os anos 1930, com o claro propósito de instruir os homens sobre a fisiologia do corpo feminino e sobre as questões sexuais. Em 1929, o Dr. Olavarrieta, em seu manual intitulado *Higiene sexual*, enfatizava a importância das relações sexuais para a regularidade da vida sexual de ambos os sexos. Considerava que os casados viviam mais e melhor do que os solteiros, pois estavam menos expostos às ameaças de doenças e evitavam procurar soluções solitárias.³³

Analisando os motivos que levavam à crise do casamento e ao crescimento das práticas onanistas e da prostituição, os médicos consideravam o prazer sexual no matrimônio como uma necessidade vital. Condenavam maridos que chegavam ao casamento *sexualmente gastos, enfatiados e estragados*, e acusavam-nos de submeterem suas esposas, em geral pessoas muito inexperientes, a regimes de relações sexuais extremamente austeros, *transformando as carícias em obrigação, quem sabe em repugnância ou em dor*. Segundo o diagnóstico médico, o resultado disso era que as mulheres fugiam do sexo com o marido, ao invés de encontrar no parceiro uma importante fonte de satisfação sexual, e acabavam sendo consideradas frígidas. Como declarava o Dr. Olavarrieta, os maridos acreditavam erroneamente que as práticas de prazer sexual só poderiam ser realizadas com suas amigas, amantes ou prostitutas, já que respeitavam religiosamente suas esposas:

Erroneamente, o casado evita com sua mulher toda classe de refinamentos durante o acto sexual, crendo deste modo cumprir mais fielmente as obrigações de marido, já que a alegria, a satisfação, a recreação ficaram nos braços de suas amigas anteriores. Repeti-las com sua própria mulher, com a que vai ser "mãe de seus filhos

"seria insensato, equivaleria a tanto como insultá-la, ofendê-la, quiçá, prostituí-la.³⁴

Assim, uma série de preceitos eram definidos de modo a orientar principalmente o marido, na boa condução da relação sexual: urinar antes de copular, *a fim de evitar a pressão causada pela distensão da bexiga cheia de urina sobre os órgãos genitais internos*; evitar a ingestão de bebidas alcoólicas, para que não se acostumassem a copular sob a ação de um excitante; evitar alimentar-se de uma a duas horas antes da cópula.

Já durante o ato sexual, recomendava-se que a relação se restringisse ao *coito vaginal*, isto é, *intromissão do pênis na vagina, estando o corpo em posição horizontal e ficando a mulher em plano inferior em relação ao homem*; dormir ou repousar um pouco após o ato; e, sobretudo, nunca repetir a cópula, *seja ao se terminar a primeira, seja horas após, no mesmo dia*. O *coito interrompido* era condenado também por não resultar em satisfação sexual para as mulheres, que

sofrem grandes perturbações nervosas, em consequência do estado de insatisfação sexual, que desta prática deflui, devido ao fato da mulher interromper em regra geral a cópula, antes de entrar em orgasmo.³⁵

Ao mesmo tempo, o prazer no casamento seria fundamental e saudável também para o homem, evitando o recurso à masturbação e à procura dos prazeres extra-conjugais. No primeiro caso, conhecemos o terror suscitado pelas práticas onanistas, que supostamente levavam à atrofia do aparelho respiratório, à loucura e até mesmo à morte:

as vítimas desta paixão solitária perdem a memória e a inteligência; tornam-se estúpidas, melancólicas e hipocondríacas; desejam a solidão, são incapazes de estudar, e chegam bem facilmente à degenerescência amplamente declarada. (p.57)

Vale notar que o saber médico de então tinha uma concepção bastante ampla das práticas onanistas, entre as quais destacava as que caracterizavam o onanismo conjugal, segundo suas informações, muito praticado naqueles tempos: a saber, a sodomia, o coito interrompido, e até mesmo a utilização do condão, atual camisinha, *unicamente tolerável nos coitos mercenários, pois consegue sempre evitar os contágios venéreos*.

Em relação aos amores ilícitos, os doutores oscilavam entre um discurso moral mais radical, como o do Dr. Olavarrieta, para quem o

homem digno, que se presa a si próprio, deve recusar sempre as oportunidades de entrar em relações com as prostitutas, e um discurso mais condescendente, que afirmava que deveria caber aos doutores a responsabilidade de definir as condições em que os contatos amorosos extraconjugais fossem permitidos. Para o Dr. José de Albuquerque, sempre que a esposa não estivesse disponível, por qualquer razão, para manter relações sexuais com o marido, ou quando ela estivesse em viagem, ele poderia *se entregar ao coito com outra mulher, sem que por isso, incida num delito de ética sexual.*³⁶

Para a mulher, ao contrário, esta prática era radicalmente reprovada, pois ela não precisava se livrar da *tumescência provocada pela repleção das vesículas seminais.* Mesmo no caso em que o homem conseguisse segurar a ejaculação, de modo a que sua companheira pudesse *entrar em orgasmo antes da interrupção do coito,* nem mesmo assim sua satisfação sexual estaria garantida, pois ela ficaria igualmente *privada do esperma, (e) não participaria dos benefícios que de sua absorção defluiriam.*

De modo geral, os doutores advertiam que a cópula deveria ser quinzenal durante os três primeiros anos após a puberdade; semanal do terceiro ao sexto ano; e finalmente bi-semanal, com intervalo regular de três a quatro dias uma da outra, no caso dos homens. Para a mulher, acreditavam que ela não precisaria regular o número de suas cópulas semanais, já que não era influenciada maleficamente pela elevação ou diminuição de seu número, como se dava com o homem. Evidentemente, isto não significava que ela poderia se entregar *desenfreadamente* ao coito, pois isto lhe acarretaria prejuízos grandes, como a esterilidade.

Prescreviam o horário noturno, ao se deitar para dormir, como o mais adequado para a realização do sexo, por vários motivos: nesse horário, as pessoas poderiam relaxar, já que não tinham mais obrigações, nem horários a cumprir. Embora muitos casais mostrassem preferências pelo sexo logo ao se despertarem, pela manhã, o saber médico apontava para *a falta de poesia* que implicava o ter de levantar-se para as necessidades biológicas fundamentais. A primavera era considerada como *a estação mais favorável aos amores e a uma bela fecundação,* enquanto que os períodos de calor ou frio excessivos seriam inconvenientes para a satisfação do apetite sexual, pois o organismo estaria mais debilitado e o fruto da fecundação poderia não ser muito robusto.³⁷

Conclusões

Entre 1890 e 1930, o Brasil passa por mudanças decisivas em sua história, sobretudo devidas ao estabelecimento do sistema republicano, à constituição do mercado de trabalho livre, à industrialização, à imigração européia e à rápida modernização da vida social e política.

No movimento de constituição de uma nova sensibilidade que se pretendia moderna e civilizada, a definição de fronteiras simbólicas que separavam os amores lícitos dos ilícitos foi vista como uma tarefa dependendo especialmente do poder médico, com argumentos que associavam a prostituição aos perigos da doença venérea e da morte. Assim, a comercialização sexual do corpo feminino cresceu em importância nos debates conduzidos pelos médicos, que, no entanto, estavam menos preocupados com a melhora nas condições de vida e trabalho das prostitutas pobres do que com a definição de códigos morais e sexuais para todas as mulheres, especialmente para as das classes mais favorecidas.

A pesada herança deixada pela construção desses novos parâmetros de referência sexual, informados pelas teorias médicas, pode ser sentida por várias gerações de mulheres que, especialmente até a década de 1960, recusavam-se a fumar em público, ou a frequentar bares e restaurantes desacompanhadas de homens, com medo de serem estigmatizadas como *mulheres públicas*.

Contudo, a prostituição também teve outras funções menos negativas. Afinal, no imaginário estabelecido na experiência da modernidade, em São Paulo, mas também em muitas outras cidades brasileiras, as prostitutas de luxo *francesas* e *polacas* eram altamente apreciadas como *agentes civilizadores*, isto é, consideradas responsáveis pela introdução de novos hábitos, costumes e modos de vida existentes em Paris. Muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia. Aliás, histórias sobre casamentos de antigas prostitutas de luxo ou *cocottes*, com advogados e coronéis poderosos, de quem se tornaram favoritas ao longo de suas incursões clandestinas eram largamente conhecidas na cidade. Ao mesmo tempo, os bordéis se tornaram pontos de encontro regulares de políticos, advogados, intelectuais e outros profissionais, onde não apenas se

divertiam, mas também discutiam negócios e faziam contatos e articulações políticas.

Fundamentalmente, este estudo pretende ter trazido importantes informações sobre a maneira como um certo período enfrentou as questões da sexualidade e do desejo, criando ou reforçando concepções, valores e condutas morais que estão se tornando passado recentemente, sobretudo em relação ao que foi considerado como pecaminoso, vergonhoso, terrível e ignóbil. Na constituição deste imaginário, os médicos desempenharam um papel decisivo, pois ao fundamentarem a intervenção do poder político nas esferas públicas e privadas da sociedade, redefiniram cientificamente o sentido da comercialização sexual do corpo feminino para toda a sociedade, instituindo bombasticamente práticas que antes eram consideradas pecaminosas, mas não patologias, degenerativas e ameaçadoras para a sobrevivência da espécie humana.

O estudo da prostituição, portanto, permite descortinar aspectos do processo da modernização que começam a ser conhecidos, já que revelam as dimensões perversas de um processo que normalmente é visto como um desenvolvimento contínuo de progresso econômico, tecnológico e social.

No entanto, é visível que Mme Pomméry compreendeu claramente as novas demandas colocadas pela modernização da vida social, assim como a psicologia dos brasileiros, sabendo como completar a renovação por que passava a sociedade, mesmo que fosse de maneira pouco honrada e clandestina. Insistente, sendo republicado em 1992³⁸, esse romance questiona a maneira pela qual queremos experienciar, ou, talvez, evitar os problemas sociais, escondendo-os mesmo nas pesquisas produzidas na universidade. Afinal, a atividade da prostituição continua a crescer assustadoramente no país, em nossos dias, envolvendo muitas jovens e crianças de modo brutal, trazendo problemas que ainda estão muito longe de serem, mesmo que parcialmente, solucionados.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. (1971), *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- ALBUQUERQUE, José de. (1929), *Higiene Sexual*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Leite Ribeiro/Freitas Bastos e Cia.

- _____. (1930), *Moral Sexual*. Rio de Janeiro, s.e..
- AMERICANO, Jorge. (1957) *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)*. São Paulo, Saraiva.
- CAIBY, Amando. (1931) *O Mistério do Cabaré*. São Paulo, Cia Editora Nacional.
- COSTA, Jurandir Freire. (1979) *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro, Graal.
- DEAN, Warren. (1971) *A Industrialização de São Paulo*. 2.a edição. São Paulo, Difel.
- DEBAY, A. (1881) *Hygiene e Physiologia do Amor nos Dous Sexos*. Rio de Janeiro, EBL, Garnier.
- DIJKSTRA, Bram. (1986) *Idols of Perversity*. Oxford, Oxford University Press.
- ENGEL, Magali. (1989) *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro*. São Paulo, Brasiliense.
- ESTEVEVES, Martha de Abreu. (1989) *Meninas Perdidas: Os Populares e o Cotidiano do Amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HAHNER, June. (1990) *Emancipating the Female Sex: The Struggle for Women's Rights in Brazil (1850-1940)*. Durham and London, Duke University Press.
- HUTTER, Lúcia M. (1972) *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/USP.
- JANOVITICH, Esther. (1994) *O Menir de Pomméry*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- LOVE, Joseph. (1992) *A Locomotiva, São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- MACHADO, Roberto. (1978) *Danação da Norma*. Rio de Janeiro, Graal.
- MORSE, Richard. (1970) *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- OLAVARRIETA, J. B. (1929) *Higiene Sexual*. São Paulo, A.C. Martin Editor.
- RAGO, Margareth. (1985) *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1995) O Prazer no Casamento. In: *Revista Idéias*. Campinas, IFCH/UNICAMP, ano 2, n.2, p.69-88.
- _____. (1991) *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1986-1987) Prazer e Perdição: A Representação da Cidade nos Anos Vinte. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Marco Zero. Vol. 7, n.13.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. (1993) *História sem Fim: Inventário de Saúde Pública – São Paulo (1880-1930)*. São Paulo, Editora Unesp.
- SEIGEL, Jerrold. (1992) *Paris Boêmia. Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa, 1830-1930*. Porto alegre, LP&M.
- SEVCENKO, Nicolau. (1992) *Orfeu Extático na Metrópole: Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo, Cia das Letras.
- SHOWALTER, Elaine. (1990) *Anarquia Sexual: Sexo e Cultura no Fin-de-Siècle*. Rio de Janeiro, Rocco.
- TÁCITO, Hilário. (1977) *Madame Pomméry*. São Paulo, Biblioteca da Academia Paulista de Letras,
- THOMPSON, Kenneth. (1998) *Moral Panics. Key Ideas*. London, Routledge.
- VAIRO, Orlando. (1925) *Os "Vícios Elegantes" Particularmente em São Paulo*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo.

- ¹ Professora Titular do Depto de História - Universidade de Campinas - Unicamp
- ² Hilário Tácito, *Madame Pomméry*. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, 1977). Veja-se Paula Ester Janovitch, *O Menir de Pomméry*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.
- ³ Essa expressão francesa se refere aos jovens rapazes da elite.
- ⁴ O termo alude à série de reformas urbanísticas realizadas, em Paris, durante o Segundo Império (1852-1870), pelo Barão de Haussman. Veja-se a respeito Jerrold Seigel – *Paris Boêmia. Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa, 1830-1930*. Porto Alegre: LPM, 1992, p.230-232.
- ⁵ Richard Morse - *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 268.
- ⁶ Sobre a história de São Paulo, vejam-se Warren Dean, *A Industrialização de São Paulo*, 2ª ed. São Paulo: Difel, 1971; Joseph Love, *A Locomotiva, São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 1ª ed.; Nicolau Sevcenko – *Orfeu extático na metrópole: sociedade e cultura nos fermentos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ⁷ Termo francês usado para se referir às prostitutas de luxo jovens e sofisticadas.
- ⁸ Sobre esse conceito, veja-se Kenneth Thompson – *Moral Panics. Key Ideas*. London: Routledge, 1998.
- ⁹ Sobre os médicos e a prostituição em São Paulo, Margareth Rago – *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da sexualidade feminina em São Paulo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; sobre o Rio de Janeiro, Magali Engel - *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro*, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ¹⁰ Maria Alice Rosa Ribeiro - *História Sem Fim: Inventário de Saúde Pública - São Paulo (1880-1930)* São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo, 1993, p. 150 e segtes.
- ¹¹ Veja-se, para maiores informações Margareth Rago - *Do Cabaré ao Lar*, op. cit., p. 125 e seguintes.
- ¹² Vejam-se a respeito Roberto Machado - *Danação da Norma*, Rio de Janeiro: Graal, 1978; Jurandir Freire Costa, *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979; Martha de Abreu Esteves, *Meninas Perdidas: Os Populares e o Cotidiano do Amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, entre outros.
- ¹³ O termo foi criado pelo psiquiatra austríaco Richard Krafft-Ebing (1840-1902), no final do século 19, para se referir a várias práticas consideradas ilegítimas, anormais ou

patológicas, e rapidamente se difundiu por todo o mundo ocidental. Veja-se seu livro *Psychopathia Sexualis*, de 1886.

¹⁴ Veja-se Lúcia M. Hutter - *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889)*, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/Universidade de São Paulo, 1972.

¹⁵ Relatório apresentado ao Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Laurindo Abelardo de Brito, Presidente da Província de São Paulo pelo chefe de Polícia João Augusto de Pádua Fleury, referente a 1879. Veja-se Margareth Rago, *Os Prazeres*, op.cit.p.108.

¹⁶ Idem, p. 110.

¹⁷ Oswald de Andrade - *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971,p.42.

¹⁸ Margareth Rago - *Os Prazeres da Noite*, op. cit., p. 132.

¹⁹ Jorge Americano - *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)* São Paulo: Saraiva, 1957, p. 141.

²⁰ Idem, p. 142.

²¹ Ibidem.

²² Amando Caiuby - *O Mistério do Cabaré*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1931.

²³ Orlando Vairo - *Os 'Vícios Elegantes' Particularmente em São Paulo* Tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo, 1925.

²⁴ O Combate, 26 de outubro de 1923. Grifos meus.

²⁵ Vejam-se a respeito Elaine Showalter- *Anarquia Sexual: Sexo e Cultura no Fin-de-Siècle* Rio de Janeiro: Rocco, 1990; Bram Dijkstra - *Idols of Perversity*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

²⁶ June Hahner- *Emancipating the Female Sex: The Struggle for Women's Rights in Brazil (1850-1940)* Durham and London: Duke University Press, 1990. Ver tradução

²⁷ In: Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar*, op. cit., p. 89.

²⁸ F. Ferraz de Macedo, "Da Prostituição em Geral e em Particular em Relação à Cidade do Rio de Janeiro". Tese defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1873, in Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar*, op. cit., p. 88.

²⁹ Margareth Rago, "Prazer e Perdição: A Representação da Cidade nos Anos Vinte", in *Revista Brasileira de História* (São Paulo: Marco Zero), vol. 7, no. 13, Setembro 1986- Fevereiro 1987.

³⁰ José de Moraes Leme - *O Problema Venéreo*, São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo, 1926, p. 66.

³¹ O PROBLEMA VENÉREO, p.66, citado em Os Prazeres, p.145

³² Idem, p. 60, in Margareth Rago, "O Prazer no Casamento". *Revista Idéias*, IFCH/Unicamp, ano 2, n.2, julho-dezembro 1995, pp.69-88.

³³ J.B. Olavarrieta - *Higiene Sexual*, São Paulo: A.C. Martin Editor, 1929.

³⁴ Idem, p. 16.

³⁵ José de Albuquerque, *Higiene Sexual*, Rio de Janeiro: Livraria Ed. Leite Ribeiro/Freitas Bastos e Cia., 1929, p. 80.

³⁶ José de Albuquerque, *Moral Sexual*, Rio de Janeiro: s/e, 1930, p. 127.

³⁷ A. Debay - *Hygiene e Physiologia do Amor nos Dous Sexos*. Rio de Janeiro: E.B.L. Garnier, 1881, p. 156.

³⁸ Este romance foi republicado pela Editora da Unicamp e Fundação Casa de Rui Barbosa em 1992.